

7.

Referências Bibliográficas

AMERICAN INSTITUTE OF GRAPHIC ARTS. *Simbolos de senalizacion = Símbolos de sinalização*. Version castellana de Homero Alsina Thevenet, version portuguesa de Fernando Pereira Cavadas. México: G. Gili, c1984. 251p. Título original: Symbol signs.

ASSOCIAÇÃO DOS DESIGNERS GRÁFICOS (Brasil). *ABC da ADG: glossário de termos e verbetes utilizados em design gráfico*. São Paulo: ADG, 2000.

AICHER, Otl; KRAMPEN, Martin. *Sistemas de signos en la comunicación visual*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1981. 115p.

ARGAN, Carlo Giulio. *Walter Gropius e a Bauhaus*. Lisboa: Ed. Presença, 1951.

_____. *Projeto e destino*. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 2004.

ARTHUR, Paul; PASSINI, Romedi. *Wayfinding: people, signs, and architecture*. Toronto: McGraw Hill Ryerson, 1992.

BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. Lisboa: Edições 70, 1985.

BAXTER, M.R. *Product design*. London: Chapman & Hall, 1995.

BAXTER, Mike. *Projeto de produto*. São Paulo: Edgard Blücher, 1998.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BERGER, C. et al. Kano's methods for understanding customer-defined quality. *Center for Quality Management Journal*, v.2, n.4, Fall, 1993.

BERGER, Craig M. *Wayfinding*. Switzerland: RotoVision, 2005

BITTERBERG, Karl-georg. *Bauhaus*. Stuttgart: Ed. Dr. Cantz'sche Druckerei, 1974.

BOMFIM, Gustavo Amarante. *Desenho industrial: uma proposta para reformulação do currículo mínimo*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1978.

_____. *Idéias e formas na história do design*. João Pessoa: Ed. Universitária, 1998.

BONSIEPE, Gui. *A "tecnologia" da tecnologia*. São Paulo: Edgard Blücher, 1983.

_____. *Teoría y práctica del diseño industrial*. Barcelona: [s.n.], 1978.

BRASIL. Secretaria de Modernização e Reforma Administrativa. *Onde estou? Para onde vou?* Brasília: SEPLAN/SEMOR, 1984.

BRENNAN, Aoife; CHUGH, Jasdeep S.; KLINE, Theresa. Traditional versus open office design: a longitudinal field study. *Environment and Behavior*, v.34, n.3, p. 279-299, 2002.

BRUCE, M.; COOPER, R. *Marketing and design management*. London: Internacional Thomson Business Press, 1997.

BUCHANAN, Richard; MARGOLIN, Victor. *Discovering design: explorations in design studies*. Chicago: University of Chicago, 1995.

CALORI, Chris. *Signage and wayfinding design: a complete guide to creating environmental graphic design systems*. New York: Wiley John & Sons, 2007.

CARDOSO, Rafael. *Uma introdução à história do design*. São Paulo: Edgard Blücher, 2004.

CAVALCANTI, Lauro. *A história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-60): moderno e brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

CHMIELEWSKA, Ella (Elzbieta). *Implaced communication: wayfinding and informational environments*. [Canada]: McGill University, 2001.

COELHO, Luiz Antônio L. *Design método*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2006.

COSTA, Joan. *Señalética*. Barcelona: Enciclopedia del Deseño, 1992.

CROSBY; FLETCHER; FORBES. *A sign systems manual*. Grã Bretanha: [s.n.], 1970.

DOGU, Ufuk; ERKIP, Feyzan. Spatial factors affecting wayfinding and orientation: a case study in a shopping mall. *Environment and Behavior*, v.32, n.6, p. 731-755, 2000.

DORFLES, Gillo. *Introdução ao desenho industrial*. Lisboa: Edições 70, 1990.

ELY, Vera Helena Bins. In: MORAES, Ana Maria de (Org.). *Ergodesign do ambiente construído e habitado: ambiente urbano, ambiente público, ambiente laboral*. Rio de Janeiro: iUsEr, 2004.

EMMITT, Stephen. Observing the act of specification. *Design Studies*, Great Britain, v.22, n.5, p. 397-408, Sept. 2001.

FAGGIANI, Kátia. *O poder do design: da ostentação à emoção*. Brasília, Ed. Thesaurus, 2006.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. *Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1999.

_____. *Design em espaços*. São Paulo. Ed. Rosari, c2002.190p. (Coleção textos design).

FINDELI, Alain. Rethinking design education for the 21st century: theoretical, methodological, and ethical discussion. *Design Issues*, Massachusetts, v.7, n.1, 2001.

FINKE, Gail Deibler. *City signs: innovative urban graphics*. New York: Madison Square Press, 1994.

_____. *Urban identities*. New York: Madison Square Press, 1998.

FONTOURA, Antônio Martiniano. *As manifestações pós-modernistas no desenho industrial e suas repercussões no ensino do projeto de produto*. 1997. 209f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Paraná. 1997. (NRP-Design; n. 83).

FORMIGA, Eliana de Lemos. *Ergonomia informacional: compreensibilidade de símbolos para sinalização de hospitais públicos e unidades de saúde no Rio de Janeiro*. 2002. 278f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

GERSTNER, Karl. *Diseñar programas*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1979.

HADLAW, Janin. The London underground map: imagining modern time and space. *Design Issues*, Massachusetts, v.19, n.1, Winter, 2003.

HERZOG, Thomas R.; LEVERICH, Olivia L. Searching for legibility. *Environment and Behavior*, v. 35, n.4, p. 459-477, 2003.

HESKETT, John. *Desenho industrial*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1998.

_____, John. *Past, present and future in design for industry*. Massachusetts: MIT, 2001.

_____. *A study of the corporate management of design: Philips*. New York: Ed. Rizzoli, 1989.

_____. *Toothpicks & logos: design in everyday life*. Great Britain: Oxford University Press, 2002.

HOLLAND, D. K. *Sign and spaces*. Massachussets: Rockport Publishers, 1994.

HÜHNE, Leda Miranda (Org). *Metodologia científica: caderno de textos e técnicas*. Rio de Janeiro: Agir, 2002. 263p.

IIDA, Itiro. *Ergonomia: projeto e produção*. São Paulo: Edgard Blücher, 2005.

JACOBSON, Robert. *Information design*. USA: MIT, 1999.

JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. Londres: Aldus Books, 1964.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. 340p.

LESSA, Washington Dias. *A linguagem do design gráfico*. 1998. 167p. Tese (Doutorado) – Pontifca Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998. (NRP-Design; n. 96).

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993

LÖBACH, Bernd. *Diseño industrial: bases para la configuración de los industriales*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1981.

LORENZ, Christopher. *The design dimension: the new competitive weapon for product strategy and global marketing*. Great Britain: T.J. Press, 1990.

LUPTON, Ellen. *Reading isotype*. Chicago: [s.n.], 1976.

_____, Ellen; MILLER, J. Abbott. *Design writing research: writing on graphic design*. London: Phaidon Press Limited, 1999.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAGALHÃES, C. F. *A influência do processo de especificação de produtos inovadores para a eficácia dos projetos*. 2003. Tese (Doutorado) - COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

_____. *Design estratégico: integração e ação do design industrial dentro das empresas*. 1994. Dissertação (Mestrado) - COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

MARCUS, Aaron. *Graphic design for electronic documents and user interfaces*. USA: ACM Press, 1992.

MARGOLIN, Victor. *Design discourse: history, theory, criticism*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

_____. A world history of design and the history of the world. *Journal of Design History*, Chicago, v.18, n.3.

_____; MARGOLIN, Sylvia. A “social model” of design: issues of practice and research. *Design Issues*, Massachusetts, v.18, n.4, p. 24-30, Autumn, 2002.

MAYNARDES, Ana Claudia. *Design: da função à forma*. 2002. 125p. Dissertação (Mestrado em Desenho Industrial) – Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

MEGGS, Philip B. *Methods and philosophies in design history research*. Puebla: Universidad de las Américas, 1994.

MEURER, Bernd. *The transformation of design*. USA: Taylor & Francis, 1997.

MODLEY, Rudolf. *Handbook of pictorial symbols: 3.250 examples from international sources*. Reino Unido: [s.n.], 1976.

MOLES, Abraham A. *The legibility of the world: a project of graphic design*. [s.n.t.].

MORAES, Anamaria de (Org.). *Avisos, advertências e projetos de sinalização: ergodesign informacional*. Rio de Janeiro: iUsEr, 2002. 142p.

_____. *Ergodesign do ambiente construído e habitado: ambiente urbano, ambiente público, ambiente laboral*. Rio de Janeiro: iUsEr, 2004.

MOZOTA, Brigitte Borja de. *Design management*. Canadá: Allworth Press, 2003.

MÜLLER-BROCKMANN, Josef. *Sistemas de retículas: um manual para diseñadores gráficos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1982.

MUNARI, Bruno. *Diseño y comunicación visual*. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, [199-].

NIEMEYER, Lucy. *Design no Brasil: origens e instalações*. 2.ed. Rio de Janeiro: 2AB, 1998.

OTA, Yukio. *Pictogram design*. Tokyo: [s.n.], 1987.

PEVSNER, Nikolaus. *Origens da arquitetura moderna e do design*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PHILLIPS, Peter L. *Creating the perfect design brief*. Canadá: Allworth Press, 2004.

PUGH, Stuart. *Total design*. Great Britain: T.J.Press, 1990.

RICHAUDEAU, François. *La lisibilité*. Retz. Paris: [s.n.], 1976.

RODRIGUES, Beatriz Russo. *A abordagem ergonômica sobre a usabilidade e a agradabilidade de produtos com estética proeminente*. 2004. 354f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

ROSSI, Lia Mônica. *Aspectos ergonômicos da sinalização: uma introdução à programação visual*. 1981. 238f. Dissertação (Mestrado) – COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981. (NRP-Design; n. 4).

RYD, Nina. The design brief as carrier of client information during the construction process. *Design Studies*. Great Britain, n. 25, p. 231-249, 2004.

SANTAELLA, Lucia. *A teoria geral dos signos: semiose e autogeração*. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

SEBASTIAN, Rizal. The interface between design and management. *Design Issues*. v. 21, n. 1, p. 81-93, Winter, 2005.

SOUZA, Pedro Luiz de. *Notas para uma história do design*. 3.ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2001.

_____. *ESDI: Biografia de uma Idéia*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.

STOLARSKI, André. *Alexandre Wollner e a formação do design moderno no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

TABORDA, Felipe; LEITE, João de Souza (Org.). *A herança do olhar: o design de Aloísio Magalhães*. Rio de Janeiro: Artviva, 2003. 279p.

VENTURI, Robert; BROWN, Denise Scott; IZENOUR, Steven. *Aprendendo com Las Vegas*. São Paulo: Ed. Cosac & Naify, 2003.

VERZUH, Eric. *MBA compacto: gestão de projetos*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

WITTER, Geraldina Porto. *Desenho industrial: uma perspectiva educacional*. Brasília: CNPq, 1985.

WOLLNER, Alexandre. *Textos recentes e escritos históricos*. São Paulo: Ed. Rosari, 2002.

WOLLNER, Alexandre. *Alexandre Wollner: design visual 50 anos*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

ZEITHAML, Valarie A.; BITNER, Mary Jo. *Marketing de serviços: a empresa com foco no cliente*. Porto Alegre: Ed. Bookman, 2003.

8.

Anexo

Conceitos ou palavras-chave destacados das respostas dos entrevistados (que foram sintetizados no subcapítulo 5.4.2. nas pag. 86 a 105).

1.Quais eram/são os objetivos do designer quando contratado para desenvolvimento de projeto de design sinalização?

Existe uma necessidade individual de uma entidade, de um espaço, de se comunicar ali através do seu espaço [...] sinalização não pode ser uma coisa prolixa, porque está dentro de um espaço, está te informando [...] a falta de informação é tão prejudicial quanto o excesso [...] você tem que saber sintetizar.. esse processo talvez não seja tão importante na parte gráfica, mas na sinalização ele é [...] Então esta neutralidade da expressão era importante, porque ela era uma afirmação da linguagem. Linguagem era a legibilidade, a padronização, a harmonia, harmonia visual, a padronização da linha de leitura, do campo visual [...] isso era o que estava sendo vendido, digamos.

Joaquim Redig

Um projeto de sinalização tem como fases criativas, do processo de projeto [...] a compreensão do *briefing* que, no caso de um projeto de sinalização é a organização de funcionamento, o organograma de funcionamento do espaço a ser ocupado; a compreensão do espaço que será ocupado, compreensão arquitetônica, a criação de um sistema gráfico e de suporte físico para estas duas premissas já compreendidas; e a aplicação do sistema, que está junto com a compreensão da organização do espaço [...] a primeira coisa que se deve fazer em um projeto de sinalização é eliminar todos os sinais que a arquitetura do espaço dispensa. Se você tem um caminho que é muito claro, óbvio e não pode ser feito de outra maneira, porque botar uma seta dizendo para seguir por aqui? Não precisa, naturalmente [...] acho, inclusive, que muitos designers pecam por fazer o projeto abstraindo-se do fato de que a arquitetura estabelece para o espaço uma linguagem também de percepção. E mais do que a sinalização, ou o projeto estabelece uma percepção errônea ou certa, com muito mais rigor do que a sinalização. A sinalização de um espaço é de orientação do espaço e não de identificação [...] a

circulação é estabelecida, primeiro, pelo que a arquitetura provoca [...] tem uma leitura da arquitetura que, muitas vezes, não é feita por quem vai fazer o projeto. Ele sinaliza mesmo quando não precisa, mesmo quando a arquitetura é clara o suficiente para demonstrar.

Gláucio Campelo

Fazer um *briefing* o mais preciso possível; Levantar todas as variáveis definidoras do projeto; Levantar todos os dados e depoimentos relevantes; Entender o contexto, as necessidades da empresa no que diz respeito ao projeto solicitado e sua importância na construção do universo informacional e na construção da ambiência do empreendimento.

Valéria London

Em projetos de sinalização normalmente as pessoas querem [...] um projeto ambiental e uma sinalização que agregue valor, não simplesmente funcional [...] sinalização é aquilo que está em baixo, digamos. Não para mim, mas acho que é para o mercado [...] a gente procura sempre chamar de projeto de identificação, não de sinalização. Identificação externa e sinalização interna, eu identifico claramente esta divisão [...] tinha uma visão predominante de sistema, a gente pensava em sistema sempre. Modulação, um alfabeto de alta legibilidade [...] essas coisas realmente dominavam porque a gente estava em um mundo onde ‘em terra de cego, que tem um olho é rei’. Essa corrente Bauhaus, Swiss, International Style veio... Introduzindo com muita propriedade e no momento certo uma nova visão, mais profissional, de melhor qualidade. E não é à toa que deixou sua marca na história do design brasileiro [...] houve uma conscientização, um conhecimento maior da nossa profissão [...] ninguém sabia o que era design há 30 ou 40 anos. Hoje já existe, especialmente nas médias e grandes empresas, uma consciência clara. Eles sabem o que é design, o que é identidade visual, e compram isso.

Carlos Dranger

Basicamente conforto, segurança e identificação com o ambiente empreendimento. Sempre imaginamos que podemos contribuir com a “personalização” do espaço em questão, além de resolver os problemas de uso desse espaço, atendendo às premissas básicas de conforto e segurança.

Ivan Ferreira

Na sinalização se esperava que você tivesse uma **performance informativa** sobre a locomoção e os acessos naquele prédio. Você **tinha uma interação com a arquitetura sim, mas uma interação secundária a ela, com objetos justapostos** a ela sobre edifícios, para indicar esses procedimentos de direção. **Era bem um design dos anos 70, muito funcionalista [...] muito claro, bons materiais, duradouro, até porque a gente não tinha, nos anos 70 e 80, a gente não tinha nenhum material que permitisse [...] a dinâmica de customizar muito um projeto [...].** Eu me lembro que uma das coisas que era mais importante é que você tinha que limpar. Não podia arranhar [...] Tinha uma porção de **conceitos de durabilidade daquele objeto, e manutenção, pela durabilidade dele. Não só na duração dele enquanto história, colocada em uma arquitetura com as fontes que interferissem menos.** Eles até tinham personalidade, bastantes projetos, alguma coisa tinham, nas escolhas de fontes, no recorte de suporte, menos no material. Porque tinha uma questão mais universal mais modernista mesmo, **moderna no sentido de que, quanto mais neutro você fosse, mais universal você seria** com a informação, que era uma coisa interessante.

Evelyn Grümach

2. Qual era/é o entendimento do cliente sobre sinalização?

As palavras tinham de ser inventadas e propostas, passar as propostas para os clientes [...] No próprio METRÔ em que eu trabalhei, aparentemente, eles não tinham muita noção do que era sinalização, porque não resolvem os problemas, não estão muito preocupados com isso [...] Quando fazem a sinalização, **a primeira coisa que querem é aparecer [...]** A questão básica é **servir e pensar no usuário.** De um modo geral, os clientes não pensam, a gente é quem tem que pensar.

Joaquim Redig

Você pode, a partir de um programa de sinalização, gerar um programa maior de identidade corporativa para uma empresa grande até, que nunca teve e, de repente, ela se anima, achando que a sinalização ficou boa, gostando de usar as cores.

Gláucio Campelo

Sempre foi e é basicamente relacionado à **informação, encaminhamento e direcionamento das pessoas dentro do espaço** em questão.

Valeria London

Depende do cliente. Apesar de estar sempre pensando em como indicar os caminhos para a grande maioria, ao chamar escritórios com mais conhecimento (e recomendados por isso), **os clientes sempre esperam alguma coisa nova, diferenciada, que tenha algo a ver com o espaço do seu empreendimento.** Às vezes, o fato de o designer ter sido indicado pelo arquiteto preocupa o cliente, do ponto de vista financeiro. Mas ele espera uma contribuição criativa que, de certa forma, o surpreenda e compense o investimento.

Ivan Ferreira

Botava as plaquinhas, a sinalização não fazia parte do espaço.

Cynthia Araújo

3. Em que momento o designer era /é acionado para projeto de sinalização em empreendimentos novos?

Talvez o momento certo seja na hora mesmo. Eu já fiz muitos trabalhos com arquitetos e urbanistas já no início.

Joaquim Redig

Sempre foi no último momento dentro de um cronograma de entrega do empreendimento. **Atualmente o designer é acionado antes, em paralelo aos demais projetos correlatos, devido a interferências nas instalações que o projeto vai requerer.** Apesar de serem óbvias as vantagens da incorporação do designer à obra mais cedo, para que possa desenvolver o projeto na fase conceitual da arquitetura, **são raros os empreendedores que enxergam esta vinculação.**

Valéria London

Ainda persistem as contratações de fim de linha, quando o empreendimento está no final **e a verba está acabando.** No entanto, isso não é mais regra geral. Em shoppings, temos iniciado os nossos projetos quando o projeto de arquitetura está concluído ou sendo concluído, a obra ainda não começou ou está no princípio ou já está adiantada, mas **as questões relativas à comunicação visual, tais como previsões de instalações para**

iluminação e revestimento, ainda não foram decididas. Isso nos permite dar sugestões que somem e racionalizem o processo. Em poucos casos, conseguimos iniciar o projeto após a conclusão do anteprojeto de arquitetura, o que me parece o ideal para caminhar junto com o projeto de arquitetura.

Ivan Ferreira

Eu acho que a gente era contratado meio em cima da bucha [...] depois algumas empresas [...] começaram a me chamar com muita antecedência [...] é bom você poder conceituar tudo junto, o arquiteto, aquela coisa toda [...] eu agora estou trabalhando de graça, tenho uma parcela ridícula para receber no fim [...] você até atualiza essa parcela, mas não é a mesma coisa [...] acho que tem que ter este meio termo de um ano e meio.

Cynthia Araujo

Interdisciplinaridade

4. Com quais áreas de projeto o designer se relaciona/va?

Eu faço produto, sinalização e faço comunicação visual basicamente [...] eu trabalho como designer de informação, então uma das áreas é a sinalização [...] faço projetos mais ligados a urbanismo, sinalização de loja eu nunca fiz [...] arquiteto é um parceiro importante na sinalização.

Joaquim Redig

Eu faço trabalhos muito diversificados [...] Faço projeto gráfico de publicações, faço sinalização, exposições, o design físico da exposição [...] isso não dá necessariamente ao trabalho que você faz qualidade, mas fazer várias coisas diferentes me dá diversidade.

Gláucio Campelo

Relaciona-se com as atividades de construção do espaço (engenheiros, arquitetos, paisagistas, luminotécnicos), com as atividades de gestão do empreendimento (diretores, administradores) e com as atividades de construção do marketing do empreendimento (gerentes, diretores, publicitários).

Valeria London

Gerenciamento, marketing, operações e manutenção e, quase sempre, com os arquitetos.

Ivan Ferreira

Eu falo sempre com **arquiteto**, com **engenheiro**, mas aprovo com o dono ou com o gerenciador. Mas para ter locução estética e de produção é com o engenheiro da obra, com o arquiteto da obra.

Evelyn Grümach

Isso eu estou conseguindo aos poucos. Ele (*o cliente*) diz o que precisa, o arquiteto vai e faz. Eu acho que hoje, o problema grave que a gente tem, é na arquitetura, porque os decoradores (*de interiores*) estão fazendo umas coisas muito repetitivas [...] aí também não dá margem para você deslanchar em uma coisa diferente. **Os trabalhos nascem juntos**. Você não faz um projeto de sinalização sem conhecer o projeto de **arquitetura** a fundo, a **decoração**, o **paisagismo** [...] desde o momento em que você tem um ambiente, está trabalhando desde o princípio com ele nesse ambiente [...] está trabalhando junto com arquiteto, paisagista [...] dependendo da relação que você tem com o cliente, **você começa a fazer interferências no espaço**.

Cynthia Araújo

5. Quem contrata/va o projeto?/ 6. Quem desenvolve/ia o "briefing"?

Em shoppings e hotéis [...] geralmente é o **arquiteto quem faz a encomenda** [...] os projetos que faço são pela via dos arquitetos [...] a sinalização não é território da arquitetura, mas às vezes é até incluído no trabalho do arquiteto.

Joaquim Redig

Hoje há **o fato danoso dos trainees**, que são pessoas jovens, corretamente qualificados, mas **com a menor experiência possível** [...] as empresas usam trainees de várias áreas, financeiro, marketing [...] E, aparentemente, com uma incidência muito baixa de discursos de conhecimento [...] então o que tem acontecido muito [...] **os diálogos ficam muito fracos** [...] a participação dos trainees, que você sente que são pessoas que

não tem o devido conhecimento e diálogo [...] que desenvolvem o *briefing* [...] às vezes interferem e erradamente... a gente, no escritório, sempre teve um caráter absolutamente didático [...] E a nossa cultura de didatismo, que é uma característica nítida do próprio Aloísio e que a gente mantém até hoje, é imprescindível. Cabe a nós tentar influenciar ou melhorar a performance dos trainees, sozinhos eles não terão esta informação. Muitas vezes ele (o *designer*) tem uma tarefa a mais que é dialogar com o cliente, dando a orientação didática de como se posicionar.

Rafael Rodrigues

Era sempre alguém relacionado à gestão de projeto do empreendimento.

Atualmente pode continuar sendo, mas houve um alargamento da faixa de contratantes para o setor de marketing, o que reforça a questão da construção de imagem e do branding.

Valeria London

A gerenciadora; em alguns casos, a própria diretoria de obras ou alguém de seu departamento com sua orientação. Em casos raros, de empreendimentos de menor porte, uma diretoria, geralmente de marketing [...] Recebemos em geral da gerenciadora ou dos arquitetos. Nos raros casos citados, da própria diretoria.

Ivan Ferreira

Há talvez uma pequena diferença [...] no começo dos anos 70 até os 90, eu diria que o contratador ainda é o dono do empreendimento ou o arquiteto do empreendimento, que faz as parcerias. Hoje eu diria que as empresas de engenharia, que gerenciam as obras, também são as pessoas que estão contratando [...]. Em um trabalho pequeno, vem do dono, que é a relação direta que você tem. Em um trabalho de shopping, ele vem da gerência de comunicação que está lá dentro, gerenciando. Muitas vezes vêm de departamento de obra, que é a pessoa com quem você vai interagir... eu não lembro de ter tido uma reunião de sinalização em que alguém venha me dizer o espírito do local com um objetivo. É quase como se fosse uma dedução do designer frente ao projeto daquele negócio. Você deduz isso, como se pertencesse ao designer. Você só percebe pelo seu conhecimento ou faro, porque ele não lhe é dado [...] não vem um *briefing* com isso, os negócios abrem um pouco também sem ter um perfil muito claro e eles tem que se adaptar. É mais a sua percepção, sua sensibilidade de perceber na arquitetura [...] eu acho que (o *briefing*) tem interação com arquiteto, que também desenvolveu uma

linguagem. É por essas linguagens que são expressas visualmente, que você consegue fazer uma ponte. Não conheço uma empresa ou empreendimento em que o próprio dono não tive esse contato ou pudesse dizer que a estratégia para o lugar era esta, para podermos atrelar textura, design, logo, para o mesmo foco.

Evelyn Grümach

Sempre os donos [...] por exemplo, quem contratava o projeto de identidade visual de loja [...] era o dono. Na sinalização não, já era a construtora. Os arquitetos eram uma ponte, eu fazia muito contato com **arquiteto** porque tinha mais facilidade e depois partia para a construtora. hoje eu acho que (*quem contrata*) são **as construtoras** mesmo, mas não mais o dono e o diretor comercial nem sempre. **Normalmente é o diretor de produto, o cara que pensa o empreendimento... ele é ligado a marketing mas não é marketing, é produto.** Ele pensa produto como um todo [...] **ele me dá o briefing, ele sabe o que quer,** não adianta [...] você tem que tomar cuidado com esse cara de produto porque senão ele não deixa você projetar.

Cynthia Araújo

7. O designer tem/tinha liberdade de propor as soluções?

Você termina interferindo nisso (*na organização da empresa*) [...] dando um *feedback* ao cliente, organizando o universo de informações dele, categorizando, despertando hierarquias e categorias [...] procurando até a palavra portuguesa que melhor exprima aquela atividade ou situação.

Gláucio Campelo

Tem, desde que tenha argumentos convincentes, certeza do que está propondo e esteja trabalhando dentro das verbas possíveis. Ou seja, liberdade 'ma non troppo'.

Valeria London

Às vezes você encontra um cenário onde a identidade da empresa não é boa, deveria ser reciclada, mas nem sempre você tem acesso ou chance de expor isso de uma maneira adequada para o corpo de clientes [...] é mais comum o contrário.

Carlos Dranger

Sim. Temos até interferido em criação de nomes de praça de alimentação, alas, setores.

Ivan Ferreira

Acho que, quando o cliente sabe muito o que quer também complica [...] eu tento não deixar ele conduzir totalmente, mas ele já me diz algumas coisas [...] eu sou muito política, acho que você dá o que o cliente está esperando de você.

Cynthia Araújo

8. Aumentaram as exigências em relação aos projetos de design sinalização? De que forma?

Tem diferença porque mais coisas são feitas, mais projetos são levantados, mas a técnica é a mesma. A interação com o espaço, com iluminação, com arquitetura [...] a linguagem que a gente tem da cor e da forma sempre existiu, não vejo diferença.

Joaquim Redig

O cliente acompanha, as exigências são diferentes [...] a competitividade de mercado nem sempre foi muito ética, às vezes o cliente cai em umas esparrelas [...] aí nem é questão de erro do cliente, é falta de conhecimento. O mercado é muito voraz e às vezes há interferências negativas para profissionais.

Rafael Rodrigues

Aumentaram as minhas exigências em relação aos meus projetos. Passei a pensá-los de forma muito mais abrangente; Aumentaram as exigências técnicas em relação a forma de apresentar e detalhar os projetos em mídia eletrônica, o que requer conhecimento dos softwares disponíveis e mais modernos.

Valeria London

Sim, há mais expectativa com relação ao resultado. Não sei precisar, mas é coisa recente, de cinco, no máximo dez anos para esta data. Exemplos quanto aos conceitos gráficos e a objetos de apoio: displays, guaritas, banners, etc.

Ivan Ferreira

Eu não sinto que tenha exigências diferentes do que não cumprir aquilo que eles estão especificando. Eu acho que nós temos uma posição meio ingrata, porque no

checklist, na hora de fazer a marca, uma sinalização, o folheto, algumas empresas maiores percebem o todo, mas não são todas.

Evelyn Grümach

Eu acho, do cliente [...] tem cliente que me procura porque quer que eu faça a marca do empreendimento. Tem cliente que me chama e mostra o projeto, o conceito, e pede que eu faça tudo desde o princípio [...] eu tenho uma relação com alguns clientes que não tem nem concorrência, eles me pedem que eu faça um trabalho porque é a minha cara.

Cynthia Araujo

9. Qual o impacto da informática no desenvolvimento dos projetos?

10. A tecnologia favoreceu a produção?

Tudo aquilo que mudou em qualquer área, o tempo, a autonomia. Em relação à sinalização, tem a questão da produção, mas no projeto isso não faz diferença [...] na fabricação, como na verdade com qualquer projeto, você vai pensar em como vai ser fabricado para poder desenhar [...] no computador eu não sinto muita diferença.

Joaquim Redig

Inegável agilidade em todas as fases de projeto, principalmente na fase de criação de alternativas. Melhor apresentação. Softwares facilitadores de representação tanto no aspecto gráfico (2D) quanto de produto (3D). Sim. Possibilitou a pesquisa de formas construtivas, uso de novos materiais, novas soluções técnicas, principalmente com as routers (equipamento utilizado para recorte de materiais como alumínio e acrílico), possibilitando recortes e encaixes de inúmeros materiais e as soluções de impressão digital sobre materiais rígidos e gigantografias. Os processos produtivos, impulsionados por novas tecnologias, puderam evoluir. Técnicas artesanais deram lugar a técnicas semi artesanais, em alguns setores da produção. E a modernas técnicas digitais em outros setores, principalmente de impressão.

Valéria London

Mudou o instrumento com o qual você projeta, em alguns casos para melhor e outros para pior. Para melhor, no sentido de ser mais rápido, mais preciso, mais econômico, porque de fato você duplica os desenhos em escalas diferentes.

Carlos Dranger

Eu sempre tentei visualizar em três dimensões. E há seis anos eu montei um núcleo dentro da arquitetura que fala do desenvolvimento de maquetes eletrônicas [...] a gente trabalha em conjunto com os arquitetos na projeção dos projetos. É um grupo que fica meio independente porque ele assessora todos os projetos e dá esse suporte [...] a sinalização era super analógica o desenho era todo feito à mão [...] a gente vive ainda esta mudança e eu vejo até hoje [...] a minha geração não convive com isso, tem uns que tem muita dificuldade [...] eu é que sou meio *tecnofreak* que curto isso pouco [...] em geral nós vivemos esta transição. Mas acho que a tecnologia ajudou muito [...] A solução está na idéia, não existe nada que substitua uma boa idéia [...] vulgarizou um pouco eu acho, nivelou por baixo algumas coisas.

Leonardo Araújo

O que mais me parece interessante destacar é a velocidade no detalhamento. É claro que isso é uma faca de dois gumes. O cliente passa a achar que tudo pode ser feito em alguns minutos. Mas me parece também positivo, tanto do ponto de vista do desenvolvimento, quanto do uso dos materiais. Pudemos ousar mais e propor determinadas soluções que antes dependeriam de um maior desenvolvimento de detalhes mecânicos [...] É fato que os sistemas estão se tornando mais cambiáveis, por causa dos processos eletrônicos. As revitalizações estão sendo realizadas em períodos mais curtos. Isso abre possibilidades de elementos menos monolíticos e maior dinamismo nas atualizações. O cliente, a partir da primeira experiência, pode participar mais da segunda com observações práticas do rendimento, das vantagens e desvantagens decorrentes do primeiro período para melhor transmitir suas expectativas quanto à projeção de sua imagem.

Ivan Ferreira

Do ponto de vista da representação, que é a parte de projeto, eu diria que o importante mesmo é que a gente ficou com o processo inteiro [...] A gente não trabalhava nas finalizações, você preparava os manuais e tinha uma interação com a fábrica, que relia seu manual, fazia as fotoletras, ampliava, aprovava. Hoje ficou muito mais fácil [...] seu processo de trabalho aumentou, sua responsabilidade aumentou. O controle é maior, mas a gente tinha bons fornecedores que tinham já uma tecnologia própria para darem segmento ao seu trabalho [...] com o CAD, com os 3D, você representa situações reais,

facilita o entendimento do cliente. Acho que às vezes o entendimento do cliente é precário. Um bom empresário não tem necessariamente uma visão espacial, tem dificuldade. Então nisso ajudou a tecnologia. Em termos de produção, você pode customizar melhor o seu trabalho.

Evelyn Grümach

Acho que foi fundamental o computador, agilizou o trabalho da gente, fez ele ficar melhor [...] era tudo uma esculhambação, hoje não, fica lindo e maravilhoso, a gente imprime [...] eu acho que o computador veio para ajudar e as tecnologias também.

Cynthia Araújo

11. Os fornecedores estão capacitados tecnicamente para acompanhar a evolução dos projetos?

Essa característica artesanal, que a sinalização tem um pouco, é muito ruim aqui no Rio e talvez seja ruim em qualquer lugar do Brasil, a tecnologia de materiais é muito ruim.

Joaquim Redig

Eu acho que especificamente na área de sinalização tem bastante fornecedor capacitado. Agora, em geral, e isso até mudou um pouco, existia muito o fornecedor que tinha uma tecnologia própria dele [...]

Rafael Rodrigues

Alguns acompanharam melhor o avanço da tecnologia. Outros, por falta de capital ou falta de capital intelectual, acompanharam menos. O mercado brasileiro força a adoção de soluções híbridas como forma de baixar custos envolvidos na fabricação dos projetos.

Valéria London

Mudou muito pouco, muito menos do que deveria especialmente esta área de sinalização. Hoje se fabrica exatamente o que se fabricava há 20, 30 anos atrás: chapa dobrável, chapa de alumínio [...] por exemplo, para introduzir o led ao invés da iluminação é um problema, porque está sujeito á importação e é caro. Por incrível que pareça, acho que estamos estagnados em termos de tecnologia há 30 anos.

Carlos Dranger

Em engenharia de produção hoje, se precisar de fazer 25 cortes eu estou fazendo. Acho que eles (os fornecedores) estão acompanhando ainda... **é muito difícil para os projetistas (fabricantes) se comunicarem com os escritórios** [...] os softwares gráficos do MAC são muito mais sofisticados, mais elaborados, melhores.

Leonardo Araújo

Alguns sim [...] alguns até **contribuem muito** [...] até mesmo para ajudar em **soluções mais racionalizadas, com base na experiência deles.**

Ivan Ferreira

Não, nem todos [...] eu faço muita coisa com empresas de SP, Curitiba [...] o **mercado do Rio é muito fraco no aspecto tecnológico.** Com esse negócio de dólar caindo, tem gente que está bem [...] acho que eles deviam aproveitar este momento para isso [...] hoje depende, tem empreendimento que ainda tem isso [...] a gente vai descobrindo o material, sabendo trabalhar com ele [...] hoje a gente brinca muito aqui no escritório, quando quer trabalhar com material novo [...] a **internet ajuda muito a gente não tinha informação** [...] o computador veio trazer para a gente estas informações que a gente não tinha, era tudo um experimento, tudo empírico.

Cynthia Araújo

12. Os custos e os prazos para a execução de projetos se alteraram muito ao longo deste período?

(se alteraram) **muito para baixo** [...] eu diria até **mais nos custos do que nos prazos**, no nosso caso... [...] **os custos realmente achataram violentamente**, é uma briga que sempre teve [...] os próprios profissionais são culpados por isso, fazem preços vis [...] a gente ia ver e o custo do projeto era a terça ou quarta parte [...] isso tem limitado outros projetos. Os fotógrafos, via de regra, conseguem uma uniformidade muito maior de custos [...] em termos de custo, a gente leva vantagem porque hoje os prazos são muito melhores [...]

Rafael Rodrigues

Sim, é possível produzir e implantar projetos em menos tempo.

Valeria London

A gente ganhava mais, tinha mais tempo para desenvolver projetos [...] A gente trabalhava menos, ganhava melhor e tinha dois meses para fazer um manual de identidade [...] hoje a gente tem três dias, uma semana. Eu diria que a informática viabilizou a nossa situação atual, porque também, se não existisse a informática, podia fechar o escritório. Ninguém mais pagaria, custear aquele volume de horas que a gente fazia para desenvolver um manual de identidade visual, dois meses trabalhando naquilo... a informática permitiu fazer em 50 horas um trabalho que levava 400 horas para fazer. E o valor/ hora passa a ser menor [...] antes se gastava mais com isso (*design*) do que hoje, e nós éramos melhor remunerados [...]

Carlos Dranger

Significativamente. Além da maior velocidade na solução, a concorrência vem pesando bastante. A quantidade de formandos em design, por semestre está pesando. Os preços chegam a patamares injustificáveis. Temos inclusive nos recusado a participar em certas circunstâncias, prevendo que o custo muito baixo proposto pelos clientes não seja compatível com a quantidade de horas e a própria qualidade do projeto.

Ivan Ferreira

Eu acho que a remuneração não andou junto com esta carga de responsabilidade, mas a tecnologia trouxe isso [...] Seu custo hoje para fazer uma situação específica para aquele lugar, aquela situação, se torna mais possível com os materiais de produção. Você ganha mais espaço para individualidade. Dentro deste mundo tão global, com a tecnologia você pode trazer individualidade [...]

Evelyn Grümach

Prazo para mim foi um horror, porque agora todo mundo quer tudo para amanhã, e isso é muito ruim, eu me lembro que trabalhava com prazos enormes [...] antigamente, quando a sinalização estava começando.

Cynthia Araújo

13. É possível retratar, através de projetos, momentos da economia do Brasil? Por exemplo: Milagre econômico, boom imobiliário, fortalecimento do setor financeiro, etc...

A gente [...] no milagre econômico, fez aquelas marcas todas e aí meio que parou... ninguém fazia nada, eram só vinhetas [...] aí passou esta fase de marcas [...] com a privatização voltamos a criar novas marcas novas.

Rafael Rodrigues

Milagre econômico- ex: Aloísio Magalhães e a quantidade de projetos para estatais, principalmente de Identidade Corporativa, nesta época; Boom Imobiliário-Marcas e Identidade Visual das empresas construtoras; Setor Financeiro- inúmeros projetos desenvolvidos para bancos e instituições financeiras, a saber Banco Itaú, Banco Nacional, BEG, BANERJ, Banco do Brasil, Banco Central.

Valéria London

Houve uma mudança muito visível que foi a queda da indústria e ascensão da instituição financeira. Eu diria que, nos anos 70, 80, a indústria era um cliente forte [...] a indústria começou a desaparecer e a instituição financeira começou a aparecer como grande cliente [...] 80, 90% dos nossos clientes eram da indústria financeira e até hoje há uma predominância de ambos [...] no fundo é o retrato da nossa economia, mercado financeiro não tem dinheiro para gastar [...] Houve uma ruptura (*crise*) clara há um 5 ou 6 anos atrás, que tem a ver com globalização, com abertura econômica, com recessão, e com filosofia de mudança de gestão das empresas. Começaram a cortar mais e mais custos. Nesta, nós fomos os primeiros a dançar, porque nós não estávamos preocupados com isso. Não deixávamos de fazer o projeto e manter o vendedor que lhe trazia um resultado ali todo dia na boca do caixa. A gente sentiu bastante isso. *Carlos Dranger*

Imagino que sim, ela me parece evidente. O pior nas épocas de crise, e foram muitas, não são os baixos custos, mas a falta de trabalho mesmo.

Ivan Ferreira

14. Os designers recém-saídos das escolas têm formação adequada para o desenvolvimento de projetos na área da sinalização?

Há uma carência na formação de designer [...] em sinalização ela fica mais clara, a questão da percepção visual, perceber a essência das coisas... na verdade, eu acho que é uma dificuldade no treinamento do olho, talvez aconteça no ensino em geral [...] meus alunos, ao fazerem sinalização, tem duas grandes dificuldades; uma é sintetizar, as coisas ficam meio justapostas; é um processo de integração também, tem que perceber que há essa necessidade para trabalhar, e alguns não percebem. A outra é a dificuldade material, que é a mesma dos fabricantes. Os alunos também a tem, então não conseguem formalizar, fazer modelos.

Joaquim Redig

A (formação) é muito deficiente. Até porque eles ficam muito carentes na área de materiais e de detalhamento. A maioria é design gráfico [...] a gente tem uma posição no mercado na qual é chamado para ter uma visão um pouco mais ampla, eles sabem que a gente vai fazer um projeto mais integrado, de identidade visual, sinalização, impressos [...] a sinalização, por exemplo, entra muito neste bojo [...] é independente [...] tem sinalizações que são totalmente independentes [...]

Rafael Rodrigues

Vão precisar juntar conhecimentos de design gráfico, design de produto e capacidade de ler e entender projetos de arquitetura, paisagismo, luminotécnica, instalações, etc. Vão aprendendo na vida profissional.

Valéria London

Acho que a informação está disponível. Mas uma grande mudança que a gente teve da década de 70 para hoje é que esse cara já vem familiarizado com o digital... e vem com uma visão mais completa, uma visão de mundo, mais projectual [...] é difícil ensinar [...] a gente vê claramente, as pessoas que temos hoje na empresa [...] os mais engajados são estudantes, eles já percebem isso, a diferença de leitura de cenário [...] em geral, na média, é isso que eu percebo. Acho que existe uma informação muito maior [...]

Leonardo Araújo

Como professor, tenho procurado dotar os alunos do mínimo de informações e prática possíveis para a projeção. O tempo, no entanto, é muito curto e a experiência de um só projeto é insuficiente, porque o aluno acaba se dedicando a somente um tipo de projeto, hotel, centro empresarial, hospital ou parque, etc. O aluno, em geral, sai com potencial para pequenos projetos. Tenho tido surpresas agradáveis de alguns (raros) casos, com surpreendente capacidade, tanto de conceituação como de desenvolvimento, o que parece gabaritá-los para maiores vôos.

Ivan Ferreira

(a formação) é péssima, eu na (Universidade) Estácio só dava sinalização [...] dava materiais, falava de material, de pintura de material, mas é muito chato [...] o aluno chegava para mim sem saber nada de desenho técnico, para desenhar uma conexão de placa, uma coisa na outra, o cara queria me matar [...] é muito difícil, foram cinco anos que eu dei esta matéria, eu dei materiais, e dei sinalização mais tarde [...] eu não sei o que eles queriam de mim, eu acho que eu não soube dar o que eles queriam, talvez eu tenha acabado me entusiasmando e dado demais.

Cynthia Araújo

15/16. As questões relacionadas à legibilidade, aos aspectos ergonômicos e funcionais têm/tinham que importância no desenvolvimento dos projetos? Houve quebra de paradigmas? Estas questões passaram a ter uma menor importância ao longo dos anos?

Acho que ela (a sinalização) sofre destas interferências e tem sofrido cada vez mais [...] acho que elas só são maléficas porque são interferências, se fossem necessidade a serem equilibradas, não o seriam [...] a ergonomia era menos 1000, você chegar no mais 500 que a gente queria ou achava que a população precisava, era muito difícil [...] não existia ergonomia.

Joaquim Redig

Em sinalização, pelas próprias necessidades de se ver, as novidades que existem na parte gráfica não funcionam [...] uma tipografia leve, e mal spacejada. Então é uma expectativa de inovar em sinalização que não compensa, porque a sinalização depende de você ver [...] não tem nem como mudar isso, pela própria natureza do projeto, estas

interferências acabam não dando certo [...] a sinalização tem um limite da percepção da leitura [...] uma parte da identidade visual, de grafismo em geral, tem coisas absolutamente imorais, do ponto de vista da leitura [...] é tal ânsia de fazer o novo que fica totalmente ilegível [...] quando você não consegue inovar muito na cor, nas próprias tipografias, você começa a mudar muito na forma, aí é perigoso [...] mas tem lugares em que o que menos conta na sinalização é a informação, tem toda uma estrutura formal de materiais, de dimensionamento de materiais diferentes [...] isso porque a legibilidade, a dificuldade de leitura impediu que se avançasse mais do que se pode.

Rafael Rodrigues

Com o questionamento do que fosse funcionalidade e com as novas vertentes teóricas, que passaram a considerar funcional não o que servia a uma determinada visão de mundo mas o que se encaixasse num novo sistema de objetos ou numa nova ambiência (agregando valor aos objetos, através do uso da cor, de materiais, de novas formas), ganha-se uma liberdade de expressão, que vai da releitura de velhos códigos à utilização de novos materiais. A tipologia, as cores, os elementos gráficos e a linguagem adotada devem responder também às necessidades de imagem do empreendimento, dos seus objetivos de mercado e das características do público-alvo a ser atingido.

Valéria London

O que me incomoda um pouco é que a familiaridade que a gente tinha com as letras, com os alfabetos [...] isso não existe mais. O adobe entende muito de computador e nada de tipologia, então as fontes que vem muitas vezes são péssimas. O espaçamento entre as letras vem todo torto. E tem muita gente que nem se preocupa em arrumar isso, vai do jeito que veio e o mercado engole muita coisa, se o cliente também engole [...] é uma perda sensível em todos os níveis: na qualidade do que está na rua e na formação profissional.

Carlos Dranger

Acho que uma boa sinalização faz as pessoas se sentirem respeitadas, uma boa leitura, o tamanho adequado. O que se fala de acessibilidade não é em relação às pessoas que não enxergam, é em relação às pessoas que enxergam mal, um mundo enorme de pessoas [...] o deficiente visual não é o cego, que vai ler braile [...] mesmo porque os que lêem braile são um contingente pequeno de cegos, não são todos [...] se a

questão é imagem e você não atende a algumas pessoas bem, esta imagem fica ruim [...] a sinalização acaba não funcionando, ela pode até ser bem resolvida [...] você começa a mexer com hábitos, cultura, tudo [...] aí é que eu acho que entra a idéia de sistema, sistema engloba perceber todos estes movimentos, marketing.

Leonardo Araujo

Claro que sim. Como fazer uma sinalização que não atenda a essas questões, sabendo-se que seu objetivo principal é o conforto e a segurança aliados à criação ?

Ivan Ferreira

Eu trabalhei em sinalização de hospital nos anos 70 [...] Era uma linguagem que tinha de atender a um âmbito muito grande de pessoas, que não tinham nem ainda recursos visuais para identificar o programa, como existe hoje. Era uma linguagem nova, para um público que não estava acostumado a ver. Então a questão era, primeiro, a legibilidade dessa informação era muito importante [...] O que tinha era uma linguagem de simplicidade, de trabalhar com menos elementos, que eu acho que é uma coisa que não é mais, tem uma multiplicidade maior.

Evelyn Grümach

A sinalização já andou. Eu acho que essa coisa da legibilidade, da localização da placa ainda é muito importante, é a principal função da sinalização, informar. Só que hoje, mais do que informar, ela se integra ao espaço [...] você tem que sinalizar e incorporar aquela sinalização neste espaço.

Cynthia Araujo

Naquela época, colocar uma sinalização em um zoológico (citando o projeto da PVDI desenvolvido para o zoológico do Rio) era mudar um paradigma, uma realidade, uma materialidade, uma cultura, um modo de operação, uma forma de administração e de pensar.

Joaquim Redig

Quando a gente fez, há quase 30 anos o açúcar União, a nova marca [...] a gente rompeu com o uso de cor na embalagem, cor de proteção [...] a grande maioria de

açúcares hoje usa o saco branco e algum logotipo vertical com verde e vermelho [...] é uma coisa maravilhosa [...] **você mudar o comportamento do mercado.**

Rafael Rodrigues

Sinalizar tem sido, na maior parte das vezes, o ato de pendurar placas sobre superfícies pré-existentes, determinadas pelos projetos arquitetônicos. A concepção destes projetos arquitetônicos não incorporava o projeto de design com uma leitura própria do espaço a ser trabalhado. Por outro lado, **o design funcionalista definia padrões rígidos de comportamento estético-formal, tipográfico e até no uso de materiais,** entendendo a sinalização como design informacional e não incluindo esta área projectual no campo do design gráfico. De certa forma, **esta linguagem do design permitia que os projetos de sinalização fossem implantados sem maiores necessidades de diálogo e abertura por parte de arquitetos mais conservadores.** Os projetos, completamente independentes, eram superpostos, como se pertencessem a diferentes ambiências. Os projetos de sinalização ganharam novo rumo a partir das décadas de 80 /90, quando o conceito de Gráfica Ambiental passa a permear o trabalho do designer na criação de peças ou sistemas de peças para aplicação em espaços arquitetônicos ou urbanísticos. Sem dúvida, esta área começa a ser vista como um campo de atuação específico do design e não como um filho bastardo, perdido entre a arquitetura e o design gráfico. **Esta linha de pensamento projectual entende a sinalização como parte do sistema de ambiência projetado e não como uma superposição de informações a um determinado espaço existente.** A partir desta mudança de postura, conseguida também graças à eficácia dos projetos de design implantados e ao reconhecimento do desempenho das empresas de design no Brasil, **os arquitetos, engenheiros, urbanistas, paisagistas, luminotécnicos e outros especialistas na construção de espaços passam a considerar o designer como um parceiro na tarefa projectual.** A mesma abertura ocorre com os empresários que passam a considerar o design como uma ferramenta técnica que compõe o leque de especialidades que dotam de identidade um empreendimento, proporcionam conforto ao usuário, facilitam a operação do espaço e, finalmente, proporcionam retorno econômico.

Valéria London

As coisas viraram commodities [...] Muitas vezes a sinalização transcende o aspecto funcional... acho que, hoje em dia, para você resolver esta parte funcional, você tem um **system 90** de um fabricante, que tem tudo muito bem resolvido, funciona

maravilhosamente bem, não tem motivo para você ficar quebrando a cabeça e inventar a roda... não tem porque você refazer este sistema, que está perfeitamente bem resolvido. Então está correto este caminho de virar uma *commoditie*, e você poder comprar um produto pronto.

Carlos Dranger

Nos projetos de arquitetura, os espaços são feitos independentes do trabalho do designer. O designer põe trabalho sobre aquilo ainda. Só que eu acho que tem uma diferença [...] hoje, o trabalho de sinalização contém mais elementos lúdicos, elementos interativos. Interativos então é uma grande novidade, não tinha. As informações são mais múltiplas. Então você tem uma mudança de paradigma de objeto, mas ele ainda é posto sobre algo, ele não é 'o' algo ainda, pelo menos pelo que eu tenho visto por aqui [...]

Neste ano 2000, neste século que entrou, haverá uma mudança total de paradigma, eu acho que a sinalização vai mudar.

Ela vai ser muito mais interativa, um outro tipo de resposta do que eu imagino que seja uma placa fixa em um lugar

Evelyn Grümach

17. De que forma o marketing exerceu influência no desenvolvimento dos projetos, ou na definição de parâmetros dos mesmos?

Toda a concepção de marketing a gente vai fazer com o próprio arquiteto [...] ele passará a necessidade do espaço e também do marketing.

Joaquim Redig

Hoje se valoriza muito mais o trabalho de *branding*, que o trabalho de design. E o design vai lá no finalzinho, tem toda aquela parte de posicionamento estratégico, de *bench marc*, de criar os nomes, de fazer diretrizes estratégicas, depois vem o design. Se paga, inclusive, muito mais por isso do que pelo design propriamente dito.

Carlos Dranger

A agência quando entra pelo marketing entra mal, porque eles estão buscando outra coisa, eu acho.

Evelyn Grümach

18. Novos conceitos foram adotados no desenvolvimento do design de sinalização?

Naquele momento (*referindo-se à década de 70*), o mais importante era criar a linguagem, era isso que aqueles projetos propunham. Criar uma linguagem que não existia. Hoje em dia a questão é escolher qual linguagem será usada, e não criar uma nova linguagem. Então esta neutralidade da expressão era importante, porque ela era uma afirmação da linguagem [...] eu vejo mais uma intensidade na frequência [...] de lá para cá o que foi mudando foi a criação da linguagem [...] hoje em dia você tem uma exigência muito maior em **interatividade, a sinalização passa a ter outra função dentro daquele espaço. Não apenas informar um ponto de vista, ela é muito mais dinâmica, viva** [...] acho que **a sinalização sofre de dois problemas** que podem transformá-la e podem até anular sua função de informar: um é **a mistura da sinalização com a propaganda**; outro é **a mistura da sinalização com a decoração** [...] a sinalização não é propaganda nem decoração, ela é um objeto que transmite uma informação que pode ser de persuasão para o cliente, como é a propaganda, e é um objeto naturalmente ambiental, que está dentro do ambiente [...] mas tem uma função, que é a de informar [...] a sinalização tem um lado de venda, de persuasão, de propaganda e tem também um lado de decoração de ambiente [...] **estas outras duas coisas tem que estar à serviço da primeira e não competindo com ela.**

Joaquim Redig

A Gráfica Ambiental se utiliza da evolução da linguagem contemporânea da **gráfica sobre papel, trabalhando em três dimensões**. Tem seu projeto desenvolvido em consonância com os demais projetos envolvidos em um empreendimento ou espaço urbano, **indo além dos limites espaciais tradicionalmente reservados a um projeto de sinalização. Utiliza todo tipo de suportes, combinações de materiais, representação da imagem, volume; ocupa paredes, pisos, tetos e mobiliza todos os recursos formais, gráficos, cromáticos e tipográficos, para criar sistemas de ambientação onde a informação sinalizadora se insere de forma clara, funcional e legível.**

Valéria London

Acho que a questão da expressão está super valorizada. Agora precisa gritar tão alto para poder se destacar que o resto é detalhe [...] o importante é conseguir se destacar [...] o que a gente sente hoje é que estamos na era dos *swatches* [...] a idéia do símbolo da Nike é o que melhor expressa isso. Há uma corrente clara contra o funcionalismo, de introduzir o gestual no visual. Porque no fundo, é uma tentativa de se chegar mais perto do cliente, de ser *friendly*, que não era preocupação nos anos 70, 80. Hoje é a maior preocupação, fazer amizade através do visual. Então isso faz com que as marcas e a própria sinalização procurem caminhos, incluindo essa coisa do informal, do mais gestual, para tentar se aproximar.

Carlos Dranger

Era muito pouco o que se tinha de design. Projetos de sinalização na época eram quase projetos básicos de arquitetura [...] a arquitetura tinha um papel importante na época [...] o design de interiores era muito mal visto na época de 70, pelos próprios profissionais [...] era uma atividade secundária [...] acho que, a partir da década de 80, começa a surgir uma percepção de valor destas coisas [...] a sinalização cria um marco no Brasil em um design que era desvalorizado [...] quando eu vinha para SP, já haviam muitos restaurantes que casavam o produto à marca [...] a comunicação visual era toda integrada [...] a imagem começa a ter importância a partir da década de 80 e ganha muita força na década de 90. Hoje design é tudo [...] (a sinalização como decorrência do processo de identidade visual) tinha necessidade, como orientadora de fluxo, sempre existiu [...] não tinha função de ambientação, ela era absolutamente funcional... com o tempo ela foi incorporando outros atributos. Na arquitetura surge uma coisa de que se fala muito, a importância de preenchimento, definir um espaço e aquele espaço se auto sinalizar [...] o ambiente, o espaço, começam a ter também sua função [...] ela primeiro surge como necessidade funcional... depois ela começa a ser [...] o navegador, começa a perceber e trabalhar isso.

Leonardo Araújo

(*Novos conceitos começam*)...A partir dos jogos olímpicos, acho que efetivamente em Munich, México talvez. Mas é em Los Angeles e Atlanta que eles se consolidam. Outros eventos, copa de futebol, jogos de inverno, sempre eventos de massa, têm sido eloqüentes exemplos da força de um bom projeto ambiental.

Ivan Ferreira

Começaram a existir os espaços públicos, hospitais, shoppings, **você não tinha essa cultura ainda, essa cultura de grandes espaços vestidos de coisas mais substanciais como hoje. Nós temos uma mudança.** Mas existia uma necessidade de você identificar as portas dos serviços. Era uma novidade no campo.

Evelyn Grümach

Eu me lembro muito de ouvir que a sinalização não precisava aparecer, porque era na verdade um conceito de sinalização. A partir de 90 e pouco eu já estava mudando isso [...] já tinha me soltado um pouco [...] teve um pouco isso, da gente ter a ousadia [...] de questionar porque não podia usar um fundo colorido [...] eu sempre gostei dessa coisa do fundo, de ter trabalho com o fundo, isso foi aparecendo também no meu trabalho. Mas eu acho que isso apareceu um pouco em função do trabalho de design gráfico [...] na verdade, eu trouxe um pouco do design gráfico para dentro da sinalização, que é o barato. [...] eu não tinha uma biblioteca muito grande, de ver referências fora, era uma coisa intuitiva e de material fácil, eu não fiz nada muito complicado.

Cynthia Araujo

19. "O mínimo é o máximo" x "Quero aparecer"

Se você conseguir sempre fazer 'o mínimo é o máximo', você vai aparecer. Se você conseguir sempre fazer o mínimo, você vai chegar ao máximo e vai aparecer. Um exemplo na nossa área especificamente: uma marca que nem a Light, ela tem um mínimo que aparece. **Você consegue registrar [...] não é uma regra que você tenha que seguir e só possa fazer assim [...] teve aquele apogeu das grandes marcas no início, deu uma parada, e começou-se a fazer o contrário, começou-se a querer fazer muito, tiveram marcas muito rebuscadas [...] você olha horas o anúncio e não sabe reproduzir de cabeça aquela marca. 'O mínimo é o máximo' devia ser uma tentativa de se fazer um projeto bom.**

Rafael Rodrigues

Depende do empreendimento e dos objetivos a serem alcançados com o projeto, dos objetivos de construção da imagem e de *branding*.

Valeria London

O mínimo é encontrar o que procura, o máximo é a experiência do espaço.

Aparecer é conquistar o usuário pela satisfação de estar num ambiente confortável e seguro e no qual se identifica.

Ivan Ferreira

Eu não posso negar a minha própria linguagem. Cada um de nós, por mais que saibamos que estamos atendendo a um cliente, a uma demanda, atendemos de uma determinada maneira [...] eu tenho uma tendência a uma certa simplificação [...] Eu comecei a achar os projetos de sinalização *over*, projetados com muito elemento, a própria informação acaba subjugada.

Evelyn Grümach

Isso meio que tentou voltar [...] essa coisa do minimalismo que me irrita muito [...] teve o *over* e eu acho que todos nós passamos pelo *over* em algum momento que eu não identifico muito [...] eu prefiro o meio termo, acho mais legal [...] tem que estar integrado no conceito que o arquiteto criou para aquele lugar [...] aquela coisa dos fluxos, das pessoas.

Cynthia Araujo

20. Pode- se falar em "Design de Sinalização" como um campo de atuação do designer com conhecimentos específicos?

Claro, é uma área específica, as outras não resolvem os problemas que a área de sinalização resolve [...] este tipo de problema de percepção visual no espaço [...] eu uso esta denominação [...] as questões que a área de design de sinalização coloca não são colocadas pelas outras áreas.

Joaquim Redig

Acho que há uma coisa anterior: um grande hábito no mercado [...] do cliente chamar a sinalização de comunicação visual, não é nem sinalização [...] antes de você caracterizar como design de sinalização, tinha que desviar desse erro que é chamar de

comunicação visual [...] acho que design de sinalização também não é, acho um pouco hermético, podia se tentar uma outra [...] por exemplo, quando você faz design têxtil você já percebe isso [...] as pessoas não sabem exatamente o que é sinalização, o têxtil é uma palavra que se completa [...] a mesma dificuldade que se tem com design gráfico ambiental se tem com a palavra sinalização. Não é uma palavra muito legível para dizer o que é [...] acho que design de sinalização também não responde.

Rafael Rodrigues

Acho que sim, dados os conhecimentos genéricos do design e específicos da área em questão, já citados acima.

Valéria London

Sabe como seria mais adequado? A gente chama de projeto de tratamento ambiental [...] o que eu acho que ainda representa melhor esta área é a identificação estética. [...] a gente procura sempre chamar de projeto de identificação, não de sinalização. Identificação externa e sinalização interna, eu identifico claramente esta divisão [

Carlos Dranger

Eu gosto do termo 'sistema de sinalização' [...] na minha interpretação [...] são sistemas, eles são integrados [...] para mim, a palavra sistema é mais ampla, ela amarra a idéia de que isso não é só uma coisa de uma plaquinha, ela é um composto.

Leonardo Araújo

Claro. Sobretudo em ambientes de participação coletiva, de desfrute do espaço e suas possibilidades, sejam práticas e operacionais, sejam lúdicas e interativas, aí entra o criador mais que o técnico.

Ivan Ferreira

Talvez o termo sinalização esteja sendo substituído, porque o mercado é muito forte também, ele determina [...] quando eu fui me formar na ESDI, eu decidi que queria fazer *environmental design*, em 73 [...] como eu gostava também de arquitetura, de urbanismo e de design [...] a coisa começou a me interessar, a parte de ambientação, o espaço, o mobiliário urbano [...] eu fui massacrada, os arquitetos diziam que eu não era

desta área e os designers da ESDI perguntavam o que eu estava fazendo ali. Eu fiquei no meio do caminho [...] às vezes nós mesmos não entendíamos.

Evelyn Grümach

Eu acho que é bem legal [...] muitas vezes eu ainda boto na minha proposta, projeto de programação visual, você acaba incorporando isso.

Cynthia Araújo

Durante as entrevistas outras questões foram sendo discutidas e de certa forma não se “encaixam” nas perguntas, mas são testemunhos importantes que não poderiam deixar de ser registrados e analisados.

Comentários Gerais / mudanças no campo do design de sinalização a partir da década de 70

Estas empresas que vieram para cá, que fazem sinalização em série [...] elas produzem coisas que são padrão. Eu acho que tem um sentido também. Por exemplo, os Estados Unidos: fizeram um sistema, que eu acho maravilhoso, de pictogramas para todos os terminais de transporte [...] seja rodoviário, ferroviário, aeroportuário (*referindo-se ao sistema AIGA de pictogramas*) [...] acho isso ótimo, porque os passageiros são os mesmos, saem de um meio de transporte para o outro, tem mais é que ter uma padronização também. Mesmo que tenha uma padronização de pictogramas, uma diversidade cromática ou sei lá o que [...] de qualquer maneira existe a necessidade, em alguns momentos, de sistemas assim, com esta característica que você falou [...] neutralidade em relação ao ambiente ou à instituição que está por trás daquilo. De qualquer jeito, mesmo nestas padronizadas, é necessário que haja uma integração entre o objeto e o ambiente. Não se buscava explicitamente nada que fosse funcionalista. Se buscava legibilidade, identidade, ambientalidade, enfim, todas as coisas que se buscavam em sinalização [...] Era a imagem da época [...] naquela época (*década de 70*), eu concordo que as sinalizações eram menos identificáveis, identificadoras, menos expressivas do próprio local. Não quer dizer que ela não tivesse expressão [...] Acho que a sinalização pega os dois níveis da necessidade, o nível da identidade e da funcionalidade. Então você pode resolver um problema ou resolver o outro ou resolver os dois, dependendo do contexto.

Joaquim Redig

Nos anos 70, era importante analisar como a arquitetura já era muito clara, em relação à sinalização, dos percursos que você deveria fazer [...] a publicidade viu que fazia design muito mal, de má qualidade. E não queria abrir mão deste nicho, especialmente porque as relações comerciais do mercado foram se modificando. [...] a área que era antigamente chamada de comunicação institucional ou promocional, virou hoje o que eles chamam de imagem ou *branding* da empresa. As empresas estão substituindo todas as informações dos produtos por imagens: imagem de comportamento, de percepção da empresa.

Gláucio Campelo

Teve uma mudança fundamental que foi toda a questão cultural de materiais, de processos de produção [...] a gente pensava em universalizar o projeto neste tempo em que ele podia ser universalizado [...] no fundo, ele não mudou muito, é quase a mesma coisa [...] hoje, a possibilidade de materiais, de processos, é infinitamente maior. Então você trabalha com um recurso muito mais amplo. A gente é obrigado a ter uma reflexão muito mais adequada a este tempo novo. Do ponto de vista de metodologia de design, acho que não muda nada, é o mesmo tipo de abordagem. Só que as limitações que você tinha na época [...] hoje não tem.

Rafael Rodrigues

Cada vez mais você separa o design gráfico do de produto. O design gráfico vai fazer sinalização e também se istrumbica, porque não conhece 3D [...] em design de produto também houve uma queda (*do número de clientes*) quase que chegando à zero. Ainda se fazia alguma coisa nos anos 70, 80, que foi gradativamente decrescendo.

Carlos Dranger

No início dos anos 80, me lembro que o design era uma atividade muito marginal, meus colegas achavam que não tinha nada a ver eu estar trabalhando em uma empresa de design.

Leonardo Araújo

Em 1974, (a sinalização) ainda era muito funcionalista, mas já com os *line ups* de identificação de ambiente, preocupado com a coisa da cor, famílias de pictogramas etc.

Ivan Ferreira

A questão era: em primeiro, a legibilidade dessa informação, era muito importante.

Evelyn Grümach

A década de 80 marca muito para mim não a sinalização, mas o *boom* das lojas... o comércio estourou, tudo o que a gente fazia era marca, loja, identidade visual, embalagem, sacola, foi o *boom* da identidade visual[...] comecei a entrar em sinalização, porque eu fiz um padrão para a Gafisa, eu sugeri a eles... uma coisa nova, as construtoras não tinham esse hábito. Então eu sugeri à Gafisa que fizesse um padrão...a idéia era padronizar (a sinalização) para as classes B e C, aqueles empreendimentos mais normais. Para os especiais, a gente faria coisas especiais...

Eu sempre gosto de pegar um material diferente... já tive experiências que deram certo e que não deram certo... essa ligação, para mim, começou de 86 para cá e eu comecei a perceber que era tudo igual. Todo mundo fazia aço inox, aço escovado, letra caixa, letra de bronze, era sempre aquela mesmice. E comecei a achar que a gente podia colocar um material diferente.

Em 1996, no (projeto de sinalização do empreendimento) Mundo Novo, eles estavam fazendo um projeto todo metido a ecológico, na beira da Lagoa, foi um dos primeiros condomínios ali na beira da Lagoa de Marapendi. Então eles queriam aproveitar aquela idéia de preservação... eu dei várias idéias... só que eles tinham que produzir, aceitar e ir em frente. No final, eles não toparam, eu fiz algumas placas só... esse projeto deve ter quase 10 anos... (o projeto original proposta previa a utilização de fibras naturais, como fibra de bananeira e matérias naturais) agora eu acho que eu consigo fazer um projeto desses ser mais bem aceito, mas naquela época acho que não. Todo mundo achou meio maluquice, meio visionário...

Cynthia Araújo

Você pode, a partir de um programa de sinalização, gerar um programa maior de identidade corporativa para uma empresa grande até, que nunca teve e, de repente, ela se anima, achando que a sinalização ficou boa, gostando de usar as cores.

Gláucio Campelo